

4.

PONTE DA VEIGA



Rua da Ponte da Veiga
Torno
Lousada



41° 17' 57.72" N
8° 13' 3.55" O



918 116 488



×



×



Em vias de classificação



P. 25



Acesso livre



×

Situada na freguesia do Torno, em Lousada, a Ponte da Veiga une as margens do rio Sousa entre os lugares de Rio e Cachada, no percurso do caminho velho entre a Senhora Aparecida e Unhão. De um só arco, ligeiramente quebrado, com aduelas estreitas e compridas que evidenciam marcas de canteiro, constitui o exemplo de travessia gótica, cujo período de edificação se situará na primeira metade do século XV.

A sua fundação pode ligar-se ao Mosteiro de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30) que aqui possuía direitos e propriedades. De facto, a este poderoso instituto religioso ligam-se mais duas freguesias onde se localizam outras travessias medievais do Entre-Douro-e-Minho: a Ponte de Fundo de Rua (Amarante) (p. 199) e a de Cavez (Cabeceiras de Basto). Por toda a Europa, durante a Idade Média, os monges foram responsáveis pela construção de pontes e muitos dos seus santos refletem essa capacidade. Em Portugal, temos o exemplo maior de São Gonçalo de Amarante (p. 278).

De resto, para o Torno veio, em 1446, fugido da peste, frei Amaro, abade comendatário do Mosteiro de Pombeiro, que bem poderia ter sido o encomendador desta obra. Claramente de âmbito local ou regional, a Ponte

da Veiga enquadra-se na rede paroquial ou municipal de vias, ao contrário de outras travessias, que serviam um fluxo de trânsito regional ou inter-regional.

A Ponte da Veiga, de pequenas dimensões, foi desmantelada e reconstruída um pouco mais a jusante do local original, para que uma nova travessia pudesse servir o trânsito automóvel. Esta reconstrução permite compreender melhor como era construída uma ponte de pedra, segundo vários passos: a escolha do local, o esboço e aprovação do projeto, o corte e transporte da pedra e outros materiais necessários à edificação, a pavimentação e os posteriores acrescentos, benfeitorias e reconstruções.

Embora disponhamos de poucos documentos a este respeito, a construção de pontes em Portugal, durante a Idade Média, deveu-se à intervenção de senhores leigos e eclesiásticos. Em vida ou depois da morte, monarcas, bispos e senhores deixaram legados para a construção das travessias, importantes para o desenvolvimento local e para a afirmação do seu domínio no território. Nesse sentido, eram encarregadas as obras a mestres canteiros que, juntamente com o encomendador, decidiam pelo projeto mais proveitoso.

Escolhido o local e aprovado o desenho, buscava-se a pedra capaz de satisfazer, pela localização e pelo tipo de pedra, o estaleiro da obra. Feito o transporte, preparavam-se os instrumentos necessários ao corte e desbaste dos silhares e à sua

montagem na estrutura. Para erguer o arco executava-se um molde em madeira, chamado cimbres, onde eram armadas as aduelas previamente cortadas. Do seu encaixe, sem recurso a qualquer elemento ligante, resultava a robustez da ponte, depois de retirado o cimbres. A aduela chave devia ser de uma só peça, de modo a fechar o arco com estabilidade (o que não acontece no caso da Ponte da Veiga).

Finalizado o arco, completava-se o estríbo e preenchia-se o intradorso, de forma a criar o tabuleiro, que é, no caso das pontes góticas, em forma de cavalete. Finalmente, pavimentava-se o chão e construíam-se as guardas que protegiam o trânsito de veículos e pessoas contra desvios ou quedas da estrutura.



Para esta obra concorriam vários ofícios, desde logo os pedreiros e canteiros, carpinteiros (a quem era confiada a execução dos cimbres, guindastes e outros instrumentos para transporte e colocação dos silhares), ferreiros (que executavam os instrumentos para corte e desbaste da pedra) e trabalhadores à jorna (a quem cabia realizar o trabalho braçal, entre outras atividades).

AS PONTES NA IDADE MÉDIA

O local escolhido para a edificação de pontes depende de inúmeros fatores, sendo o principal a preexistência de um canal de circulação com a importância necessária a uma travessia de pedra. Embora a Idade Média tenha sido um período particularmente ativo na construção e reedificação de pontes (no caso do aproveitamento de pontes do período romano, por exemplo), a travessia dos cursos de água continuou a fazer-se a pé (pelas poldras), por pontões de madeira ou por barcas - modo especialmente utilizado no rio Douro, onde a largura do rio não permitia a construção de pontes.